



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DAS ARTES
LICENCIATURA PLENA EM DANÇA**

STEPHANIE VAZ OLIVEIRA

**AS MODIFICAÇÕES DOS TRAJES JUNINOS E SUA
INTERFERÊNCIA NO PROCESSO COREOGRÁFICO NO MUNICÍPIO
DE ABAETETUBA**

BELEM-PA

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES
LICENCIATURA PLENA EM DANÇA**

Stephanie Vaz Oliveira

**AS MODIFICAÇÕES DOS TRAJES JUNINOS E SUA
INTERFERÊNCIA NO PROCESSO COREOGRÁFICO NO MUNICÍPIO
DE ABAETETUBA**

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura Plena em Dança.

Orientadora: Profª Drª Eleonora Ferreira Leal

BELEM-PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Oliveira, Stephanie Vaz

As modificações dos trajes juninos e sua interferência no processo coreográfico no município de Abaetetuba / Stephanie Vaz Oliveira; orientadora Profª Drª Eleonora Ferreira Leal. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Dança) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura Plena em Dança, 2017

1. Danças folclóricas – Abaetetuba (PA). 2. Festas folclóricas - trajes. 3. Danças folclóricas - Coreografia. 4. Dança – aspectos culturais. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM DANÇA

Stephanie Vaz Oliveira

**AS MODIFICAÇÕES DOS TRAJES JUNINOS E SUA
INTERFERÊNCIA NO PROCESSO COREOGRÁFICO NO MUNICÍPIO
DE ABAETETUBA**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de “*Licenciado Pleno em Dança*”, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data: ____/____/____
Conceito: _____

Profº Ricardo Augusto Gomes Pereira, Me.
Avaliador (a) – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Profª Eleonora Ferreira Leal, Drª
Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM
2017

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura_____

Stephanie Vaz Oliveira

Local e Data: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer, pela força e saúde para superar todas as dificuldades.

A minha orientadora Eleonora Leal, pelo empenho dedicado a elaboração deste trabalho, pelas suas correções, incentivo, apoio e confiança.

As minhas amigas de curso, Ana Karina Rodrigues, Eduarda Sousa, Luana Gomes, Paula Santos, Jessica Tatyane, Roseane Castro por todo amor e companheirismo durante esses quatro anos de curso, por todo apoio e incentivo, muito obrigada.

Aos meus padrinhos Kátia Freitas e Luiz Henrique que me acolheram durante parte dessa caminhada, que sem dúvida foi fundamental para eu chegar até aqui.

As minhas primas Camila Freitas, Eduarda Freitas e Maria Clara Freitas, que me acolheram super bem e dividiram seus espaços comigo.

Aos meus irmãos Ramon Vitor e Barbará Oliveira por todo apoio e carinho não somente nessa caminhada, mas durante toda vida toda.

Ao meu namorado Jordano Sousa por cada palavra de incentivo, pelo apoio e principalmente pela paciência nas horas de estresse, com certeza com você tudo se tornou mais fácil, por sempre acreditar em minha capacidade e dizer: você consegue.

E a minha base de tudo meus pais Kátia Helena Vaz Oliveira e Raimundo Ribeiro Oliveira, que sem dúvida são meus principais mentores para cada passo em minha vida, obrigada pelos ensinamentos diários, tudo é por vocês.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se analisar as transformações ocorridas nos trajes juninos no município de Abaetetuba ressaltando três períodos 2007, 2013 e 2016 e de que forma essas transformações influenciaram para que a coreografia se modificasse. A metodologia inclui levantamento bibliográfico, registro etnográfico dos múltiplos aspectos culturais envolvidos no evento, além de entrevistas visando fornecer subsídios para o entendimento do processo de transformação dos trajes e da coreografia junina. Os autores que nortearam esta pesquisa foram Armindo BIÃO (2009), Lenora LOBO e Cássia NAVAS (2008), Luciana CHIANCA (2007), Paula OLIVEIRA (2015). Desde a fase inicial para encaminhamento desta pesquisa, percebi de forma clara as modificações que a Quadrilha Junina sofreu, como os quesitos pertencentes a essa cultura foram bruscamente alterados pela contemporaneidade, tornando-se modernizado, compreendi que se faz necessário a ressignificação da cultura, pois tende a se alterar de acordo com o local e ano ao qual estão inseridos.

Palavras-chave: Quadrilhas juninas, traje junino, coreografia.

ABSTRACT

The present work proposes to analyze the transformations occurred in the June dresses in the municipality of Abaetetuba highlighting three periods: 2007, 2013 and 2016; and how these transformations influenced the choreography to change. The work aims to investigate the reasons for the modifications of the June Quadrille Costumes, and what influences these changes have had on the choreography since these three years. The methodology includes a bibliographical survey, an ethnographic record of the multiple cultural aspects involved in the event and interviews aimed to provide subsidies into the process of transformation about costumes and choreography on June. The authors that guided this research were Luciana CHIANCA (2007), Lenora LOBO and Cássia NAVAS (2008), Armino BIAO (2009) and Paula OLIVEIRA (2015). From the initial phase of this research, I clearly understood the modifications about the June Quadrille suffered, as the questions belonging to this culture were abruptly changed by contemporaneity, becoming modernized, I understood that it is necessary to resignify of the culture, cause tends to change according to the place and year to which they are inserted.

Keywords: June Quadrille, June Costumes, Choreography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Vestido do período da Regência no Brasil ...	Erro! Indicador não definido.	5
Figura 2 Casal de noivos caipiras	Erro! Indicador não definido.	6
Figura 3 Traje da Quadrilha Luzes de Abaetetuba.....	Erro! Indicador não definido.	7
Figura 4 Traje utilizado na época da corte européia ..	Erro! Indicador não definido.	8
Figura 5 Traje dos cavalheiros no estilo caipira	Erro! Indicador não definido.	9
Figura 6 Traje das damas no estilo caipira.....		39
Figura 7 Quadrilha junina de Abaetetuba no ano de 1991		40
Figura 8 Traje da quadrilha Revelação Junina de Abaetetuba no ano de 2007		41
Figura 9 Traje da Quadrilha Revelação Junina de Abaetetuba no ano de 2013		42
Figura 10 Traje da Quadrilha Coração Junino de Abaetetuba no ano de 2016		43
Figura 11 Traje da Quadrilha Coração Junino de Abaetetuba	Erro! Indicador não definido.	
Figura 12 Quadrilha Raízes do campo de Abaetetuba.	Erro! Indicador não definido.	
Figura 13 Cenário preparado para entrada da quadrilha		50
Figura 14 Quadrilha Raízes do Campo de Abaetetuba		51

SUMÁRIO

1.0- INTRODUÇÃO	11
1.1 - MOTIVAÇÃO E BASE DA PESQUISA	11
1.2- SINTESE SOBRE A LITERATURA	15
1.3- CAMINHOS PERCORRIDOS.....	17
1.4- ESTRUTURA DO TCC	17
2.0 – QUADRILHA JUNINA E SUA ORIGEM	18
2.1- QUADRILHAS JUNINAS NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA.....	22
3.0 - CONTEXTUALIZAÇÕES TRAJE E COREOGRAFIA	24
3.1- ABORDAGEM ACERCA DO TRAJE JUNINO: CONCEITO, FUNÇÃO E CONFECÇÃO.	25
3.2 - CONTEMPORANEIDADE E INFLUÊNCIAS CARNAVALESCAS NO TRAJE JUNINO.....	30
3.3- COMPARAÇÃO DO TRAJE EM TRÊS PERÍODOS 2007, 2013 E 2016.	34
3.4- ABORDAGEM ACERCA DA COREOGRAFIA JUNINA: CONCEITO, FUNÇÃO E PROCESSO.	40
3.5- COMPARAÇÃO DA COREOGRAFIA EM TRÊS PERÍODOS 2007, 2013 E 2016.....	42
4.0- INTERFERÊNCIAS COREOGRÁFICAS PELO TRAJE JUNINO	45
5.0- CONSIDERAÇÕES FINAIS	49

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho que se intitula “As modificações dos trajes juninos e sua interferência no processo coreográfico no município de Abaetetuba” trata sobre as transformações que os trajes juninos sofreram em decorrência das mudanças dos hábitos e costumes culturais da contemporaneidade, alterando o seu caráter tradicional caipira, o que influenciou a coreografia de modo significativo quanto ao desenho coreográfico.

1.1 - MOTIVAÇÃO E BASE DA PESQUISA

Minha história com a dança começou aos 13 anos de idade no ano de 2007, no município de Abaetetuba interior do estado do Pará, especificamente com a quadrilha junina, esta dança que faz parte da cultura popular e abrange um gigante campo de conhecimento se tornou não somente uma paixão ou diversão, mas uma profissão.

Em 2013, entrei para a universidade para cursar Licenciatura em Dança e o último ano que participei da quadrilha como uma brincante, onde passei a ter um olhar crítico ao ver as apresentações de dança, pois com as disciplinas do curso as ideias amadureceram sobre a dança e outros aspectos que a permeiam. No decorrer destes anos que eu dançava, percebi como a quadrilha modificou-se, quanto o seu ritmo, o cenário, os objetos cênicos, trajes, coreografia etc. E automaticamente houve uma transformação visual e cultural do que entendia por quadrilha caipira.

No ano de 2007, por exemplo, o traje era de caráter bem matuto, com saias rodadas, flores, cores fortes, um pequeno arranjo de cabeça, calças com retalhos, mangas bufantes, chapéu de palha etc. Um traje bem leve e confortável, que possibilitava executar os movimentos sem limitações, eram movimentos mais leves, descontraídos, bem animados. Os brincantes dançavam cheios de confiança, sem a preocupação de algo no traje cair ou atrapalhá-los em algum movimento realizado.

A partir do ano de 2008, as mudanças foram muito notórias. Os trajes começaram a ter um caráter estilizado, mesmo que com poucas diferenças, alguns materiais já foram sendo inseridos como: adereços de cabeça bem maiores, saias mais curtas e menos rodada, caneleira que é um adereço amarrado nas pernas, bracelete amarrado nos braços, sapatilhas com pequenos saltos etc. A temática neste ano tratava sobre contos de fadas o que era um facilitador para a utilização de

materiais mais modernos, sendo inseridos sem qualquer empecilho, pois a temática era melhor compreendida com a utilização de tais materias.

A trilha sonora mudara devido à temática, consequentemente, a coreografia foi alterada ao introduzirem na quadrilha a **semi-entrada**, nome designado pelos quadrilheiros, que é a introdução de um pequeno bailado que antecede a coreografia principal.

Na **semi-entrada** os brincantes entram em quadra e ao tomarem suas posições em um determinado desenho geométrico fazem uma pose, neste momento se inicia uma música para dançarem um bailado, que introduz a apresentação da temática para o corpo de jurados sendo este um novo elemento inserido nas quadrilhas conforme ALVES (2013):

Um dos elementos de renovação observado é a encenação apresentada pelos jovens atores na entrada, que são os próprios brincantes da quadrilha, na interpretação de uma história de acordo com o tema que faz parte do seu desenvolvimento. As caracterizações dos personagens são diversas, dependendo apenas do tema que será desenvolvido durante a quadrilha, como: indígenas, halloween, personagens do Maurício de Souza, entre outros. (ALVES, 2013, P.112)

Outra mudança que ocorreu nas quadrilhas foi à mudança de música em uma determinada parte da dança, onde os brincantes encenavam um conto de fadas, inserindo uma teatralização, uma novidade naquela apresentação, pois o público só estava acostumado a assistir a encenação do casamento na roça, conforme Teixeira e Chagas “há quadrilhas de algumas regiões do Brasil que mesclam suas apresentações utilizando as linguagens do teatro e da dança.” (2013, p. 04).

Neste período de seis anos que participei desta festividade da cultura popular, ficou muito perceptivo como a contemporaneidade influenciou e modificou tudo rapidamente na quadrilha junina. A cada ano mais inovações surgiram transformando e ressignificando a cultura do município. Esta situação enfatiza que tudo tende a se modificar com o passar do tempo, conforme defendido por (RODRIGUES, 2016) ao dizer que a cultura está em um contínuo processo de transformação, pronta para utilizar o que a contemporaneidade oferece e a quadrilha tende a se modificar se utilizando da espetacularidade que tende a se transformar a cada ciclo.

No decorrer dos anos as apresentações de quadrilha foram inserindo diversos elementos para fazer parte da dança como: cenários bem produzidos e gigantescos, quadrilhas com adereços como elemento surpresa no decorrer da dança, por exemplo, leques, fitas nos dedos, sombrinhas pequenas, jogo de luz e até alguns tipos de fogos de artifício que são explodidos no auge da dança para acrescentar

mais emoção, dando uma ênfase a espetacularidade ao ampliar o jogo cênico com o público, o que contempla o pensamento de (GOUVÊA 2010, p.02) ao mencionar que:

As realizações de caráter espetacular vão além de uma necessidade vital, orgânica de sobrevivência. Relacionam-se com o jogo estético de um acontecimento que, ao ser executado, se completa na recepção do objeto por uma plateia que assiste, que contempla, que dialoga com o que é apresentado. (GOUVÊA, 2010, p.02)

Como brincante da quadrilha, experimentei a transição do traje caipira para o traje estilizado, tal modificação foi um impacto para minha expressão corporal, pois os trajes passaram a ter materiais mais pesados, um maior volume, dentre os acessórios que precisavam ter atenção para não derruba-los no decorrer da apresentação o que dificultava a execução dos movimentos, deixando-me insegura, movimentos esses que também foram sendo modificados a partir da necessidade de acompanhar a contemporaneidade e se adaptar ao traje estilizado.

Com o processo de modificação do traje a coreografia tende a acompanhar, de acordo como o traje é pensado, os estilistas e coreógrafos dialogam e fazem um planejamento de como a coreografia será desenvolvida, entretanto o traje normalmente só é finalizado próximo da apresentação, enquanto que a coreografia está na sua etapa final pelo um mês antes das apresentações, não tendo tempo de ensaiar com o figurino e verificar se haverá algum impasse entre ambos, ocasionando sérias preocupações no decorrer da dança.

A variedade de acessórios e informações no traje e na quadrilha em geral, muitas vezes acaba tornando-se um exagero, em minha opinião. A criatividade é importante, porém pode ser equilibrada, para não gerar um contraste confuso de informações, sem abandonar totalmente as características das quadrilhas tradicionais.

Inovar é necessário, mas se desprender dos excessos é dispensável, é necessário ter significados por trás de toda essa inovação, pois visar somente à estética da luxúria torna à dança vazia de conteúdo, como enfatiza (RODRIGUES 2016).

[...] que esta apresentação conscientize aos quadrilheiros a importância da valorização das suas origens, visando que este grupo não venha a ser apenas uma união de dançante que busque simplesmente o entretenimento e a estética em suas apresentações, constituindo assim vazia em seu conteúdo histórico e significados. (RODRIGUES, 2016, P.11)

Com tudo isso notei que o traje junino se modificou e essa transformação alterou o processo coreográfico e a execução dos movimentos, a partir daí começo a

me questionar: Como as modificações dos trajes juninos influenciaram na coreografia?

A cada ano novas tecnologias são lançadas e todos de alguma maneira se apropriam disso, por exemplo, a festa do carnaval adotou muitas modernizações para seu gigantesco e magnífico espetáculo, colocando carros alegóricos imensos, luzes, trajes caríssimos, tornando-se um grandioso espetáculo de luxo, cores e estéticas diferenciadas.

Com as quadrilhas não é diferente, nos tempos atuais praticamente não existe mais quadrilhas que entrem em cena vestidos de qualquer forma ou simples, os trajes ganharam outro visual e diferentes materiais. Os materiais tradicionais como: flores do campo, patchouli, tecidos quadriculados, chapéus de palha, entre outros foram sendo substituídos. Tudo se transformou em um grande espetáculo, onde se valoriza mais a produção estética como ressalta (BIÃO 2009):

[...] o mais importante, eu diria, não é a moral ou a ética no sentido estrito. Aquilo que dá cimento, que dá ligação comunitária, é o estético, o que se sente e o que se considera como belo (BIÃO, 2009, p. 374).

Há a necessidade de acompanhar a contemporaneidade, pois se não ficam inferiores as demais e acabam ficando para trás. As quadrilhas foram acompanhando as inovações que foram lançadas no mercado, uma diversidade de novos elementos que foram inseridos dando um novo visual às quadrilhas juninas.

Diante disso suponho que devido às influências carnavalescas as quadrilhas buscam inovações, acompanhando também as mudanças da contemporaneidade, com os avanços tecnológicos que está cada vez mais acessível e diversificado.

Os brincantes de quadrilha junina que também fazem parte da cultura carnavalesca acabam trazendo para a quadrilha as marcas do carnaval, se apropriando das ideias e elementos característicos da festa de carnaval, modificando o que se tinha como traje tradicional caipira, os participantes da quadrilha veem que há necessidade de acompanhar a modernidade, pois faz parte da evolução do homem, é um processo que parece não ter retrocesso, apenas tende a transformar-se cada vez mais, conforme BIÃO “A gente gosta de criar novidade, de absorver novidade e depois jogar isso no comércio, e vive um movimento permanente de transformação cultural, que cada vez mais ratifica a tradição” (2009, p.374).

Diante do exposto o referente trabalho tem como principal interesse compreender o processo de evolução dos trajes juninos, buscando assimilar de que forma a contemporaneidade influenciou nas transformações culturais ocorridas, a

partir de uma análise cronológica, ressaltando três períodos, 2007, 2013 e 2016. Salientando como a cultura se altera de acordo com cada lugar e período ao qual estão inseridos, pois está em um constante processo de modificação, enfatizando a mudança coreográfica ocorrida pela necessidade de adaptação aos trajes, pois a mesma se alterou devido à modernização que o traje sofreu e sofre no decorrer do tempo.

Diante disto trago como objetivo geral desta pesquisa: Investigar quais foram os motivos das modificações dos trajes da quadrilha junina e quais influências destas modificações repercutiram na coreografia, a partir destes três anos 2007, 2013 e 2016. Para atingir o referido objetivo apresento os seguintes objetivos específicos: - compreender as mudanças ocorridas nas quadrilhas juninas; - identificar os fatores que influenciaram o processo de transformação dos trajes juninos e coreografia; - analisar como a coreografia sofreu alteração a partir das mudanças ocorridas no traje.

1.2- SÍNTESE SOBRE A LITERATURA

Para fundamentação teórica trago a disciplina Etnocenologia que estuda as práticas e os comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHSO). (ARMINDO BIÃO 2009) define como um dos objetos da Etnocenologia:

As “artes do espetáculo”, que compreendem o teatro, a dança, a ópera, o circo, a música cênica, o happening, a performance e o folguedo popular, este último corresponde as danças dramáticas como Mario de Andrade denominou no Brasil. Seriam aqueles objetos criados, produzidos e pensados, pelas comunidades nas quais ocorrem como ato explicitamente voltado para o gozo do público e coletivo, enquanto atos concretos de realização, reconhecíveis por todos como “arte”, em seu sentido o mais gratuito e simplificado, tendo como função precípua o divertimento, o prazer e a fruição estética. (BIÃO, 2009, p.52)

Os teóricos que nortearam esta pesquisa são ARMINDO BIÃO onde trata sobre a disciplina Etnocenologia. Ao abordar um pouco sobre o histórico das quadrilhas juninas e as mudanças ocorridas na mesma, trago como referência LUCIANA CHIANCA quando menciona a necessidade das modificações culturais nas quadrilhas juninas devido à era contemporânea. Para dialogar com figurino trago PAULA OLIVEIRA que fala sobre o figurino como comunicador para o entendimento do público acerca da temática abordada e MILOSLAV SOUZA tratando sobre como se dá a confecção dos trajes juninos. Para conversar com coreografia trago LENORA LOBO e CÁSSIA NAVAS que tratam sobre conceito de coreografia e métodos para a composição coreográfica. Por fim para tratar sobre as influências

que a coreografia sofreu a partir das modificações dos trajes juninos trago TEREZA KÁTIA ALVES que trata sobre as transformações culturais nas quadrilhas juninas.

Os conceitos mais utilizados na pesquisa foram Quadrilha Junina que segundo Teixeira e Chagas (2013, p.3) é a dança destaque do período junino, sendo um dos símbolos dessa festa a partir do momento em que se torna exclusivamente junina – ou seja, é executada apenas nesta época, diferentemente de outros tipos de dança, como o forró, por exemplo.

A Espetacularidade, qualidade do que é espetacular que conforme Gouvêa (2010, p.1) está constantemente associada ao aspecto do que é apresentado para ser contemplado. [...] A palavra deriva de *spectare* que quer dizer “olhar, observar, contemplar”.

O Traje como enfatiza Castro e Costa (2010, p.80) é o conjunto da indumentária e acessórios, criado ou produzido pelo figurinista e utilizado pelo artista para compor seu personagem em determinada forma de expressão artística, como o teatro, o cinema, televisão, ópera, dança e outros meios de manifestação artística.

A Contemporaneidade para Bonamigo (2008.p.2007), apresenta características muito peculiares, que resultam em mudanças importantes na vida cotidiana e impõe a necessidade de produzir novos referenciais e análises originais para compreender esse novo contexto.

1.3- CAMINHOS PERCORRIDOS

A pesquisa é de cunho bibliográfico qualitativo, bem como o método de pesquisa que se adequa é o etnográfico buscando explorar, coletar e analisar dados de uma determinada cultura ou grupo humano que segundo LEININGER (1985) define etnografia como um processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar o estilo de vida ou padrões específicos de uma cultura ou subcultura, para apreender o seu modo de viver no seu ambiente natural. (LEININGER, 1985, P.35 apud LIMA e col. 1996, p.24)

A pesquisa se deu a partir de minha vivência na dança da quadrilha junina, onde as questões das modificações dos trajes faziam-me questionar, sobre as necessidades das transformações ocorridas no mesmo, que alteram também as coreografias. A partir daí comecei a coleta de dados para a formulação da pesquisa, percebendo que a metodologia mais adequada para este trabalho é a bibliográfica etnográfica, por observar e analisar um determinado grupo cultural e descreve-los. As principais técnicas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram: livros, documentos, artigos, internet, registros fotográficos e entrevistas.

1.4- ESTRUTURA DO TCC

Na primeira seção apresento minha relação com a dança, como começou o interesse em tratar sobre o tema voltado para a quadrilha junina, relatando minha percepção acerca das mudanças que ocorreram durante minha participação como brincante da quadrilha junina e como público, mudanças essas que transformaram a cultura tradicional que existia voltada para quadrilha caipira, tornando-se um grande espetáculo de brilho, cenários e muitos adereços. Para fundamentar a seção trago a concepção de Bião (2009), Rodrigues (2016), Gouvêa (2010), LIMA e col. (1996) e Alves (2013), Teixeira e Chagas (2013), Castro e Costa (2010), Bonamigo (2008).

Na segunda seção aponto um breve histórico da quadrilha junina, desde a época das cortes europeias aos dias atuais, relatando como a mesma foi se resignificando ao chegar ao Brasil, criando em cada lugar aspectos culturais diferentes influenciados pela contemporaneidade e necessidade de acompanhar a atualidade e um pouco da história da Quadrilha Junina no Município de Abaetetuba Fundamento a sessão nas ideais de Rodrigues (2016), Noletto (2014), Chianca (2007), Leal (2004).

No que se refere à terceira seção, exponho considerações acerca do traje e coreografia, conceitos, funções e como ambos são desenvolvidos na prática, relatando as mudanças percebidas no traje junino no decorrer dos anos e como a contemporaneidade influenciou e influencia o processo de modificação dos trajes, acarretando assim à necessidade de transformar e resignificar a coreografia, adicionando um novo estilo de desenhos espaciais e coreográfico, onde o que se tinha como tradicional está sendo cada vez mais desmemoriado. Apresento também a fundamentação teórica, tomando por base Oliveira (2015), Ribeiro (2010), Souza (1997), Delgado (2012), Lobo e Navas (2008), Leal (2004).

Para a quarta seção, descrevo a relação traje e coreografia, de que forma a coreografia se alterou influenciada pela mudança ocorrida no traje junino, referenciando que materias eram utilizados nos trajes, que fizeram necessário modificar a coreografia, para não haver algum imprevisto no decorrer da apresentação, enfatizando três períodos fazendo uma análise comparativa das mudanças ocorridas. Baseio-me nas reflexões de Alves (2013)

E por fim a última seção, que são minhas considerações finais, esclarecendo uma ideia geral da pesquisa e minha percepção acerca do assunto tratado.

2.0 – QUADRILHA JUNINA E SUA ORIGEM

A quadrilha junina segundo Leal (2004) “surtiu no meio de uma sociedade aristocrata e burguesa, com características essenciais de uma dança popular da Idade Média” (2004, p.24).

A dança de origem francesa era chamada de *Quadrielle*, conhecida também pelo termo italiano “squadro” por ser formada por quatro casais que se organizavam em duas filas uma frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado, estas danças ocorriam em grandes salões palacianos e contavam com a presença exclusivamente de membros da aristocracia francesa, ou seja, eram dançadas pelas classes mais ricas da sociedade da época.

A dança *Quadrielle* ou Quadrilha, como a chamamos no Brasil. É composta por pares de casais, dividida em seis partes e com vários desenhos espaciais, além de músicas distintas para cada parte da dança

Em geral alguém falava os passos da dança como: *en avant tous* que significa todos os casais vão para frente, *en arrière*, os casais vão para trás, *changer/* changez trocar o par, *vis-à-vis* cumprimento frente a frente, *autre fois* repetir o passo anterior, para orientação da sequência coreográfica.

A cultura francesa era considerada referência e influenciava as demais nações europeias inclusive Portugal e se popularizou em toda a Europa na primeira metade do século XVIII.

Por volta de 1820 a família real portuguesa trouxe para o Brasil os hábitos festivos da Europa no período da colonização, junto com a corte vieram os fogos de artifício e estilos de música e dança, dentre eles a quadrilha, que ficará em evidência com a chegada dos mestres de orquestras francesas Milliet e Cavalier, grandes divulgadores das músicas de Musard, um compositor e maestro francês, considerado o pai das quadrilhas, Alves comenta que “fez muito sucesso, quando passou a animar os carnavais e bailes, tanto na cidade quanto no campo, sendo dançada também ao ar livre nas festas do mês de junho.” (2013, p.46).

Inicialmente foi pulverizada no estado do Rio de Janeiro. Porém, em cada lugar adquiriu aspectos específicos da cultura popular típica de cada cidade ou estado. Neste sentido esta dança alcançou a multiplicidade dos aspectos dos hábitos e costumes de cada região, do mesmo modo adaptou-se em diferentes contextos dos períodos por onde passou e passa como enfatiza TEIXEIRA E CHAGAS que:

[...] a pós-modernidade não deixou de influenciar também esses festejos tão tradicionais: atualmente, cada região do país possui uma identidade

cultural própria para realizar as festividades anualmente, porém passíveis de modificações estéticas e contextuais; danças, comidas e decorações adaptam-se de acordo com o que cada estado possui como identidade cultural. (TEIXEIRA E CHAGAS, 2013, p.03)

No país de origem, a quadrilha era dançada pelas classes mais ricas da sociedade brasileira da época, como contempla CHIANCA “As descrições dos viajantes da época do Brasil colonial apresentam as quadrilhas como danças praticadas nos salões ricos da corte, tanto na cidade quanto no campo”. (2007, p.50). Também menciona que a dança da quadrilha foi se disseminando dos grandes palácios devido à mudança de poder no Brasil, os costumes do período colonial foram abandonados pela burguesia na época da República, continuando a ser dançada pelos interioranos.

Somente a partir do século XX que a quadrilha se popularizou até abandonar a pose burguesa sendo absorvida pelos clubes e salões populares. Ao se tornar popular, agregou diversos elementos culturais populares, principalmente se igualando ao modo de vida tradicional do campo, pois eram dançadas nas áreas rurais, foi daí que surgiu o estilo caipira, conhecido e apresentado até hoje em algumas regiões, pois quando foi introduzida nas ruas, clubes, passou a adquirir características do contexto dos bairros.

A quadrilha foi tornando-se parte dos casamentos rurais, e traz consigo o costume da encenação do casamento na roça. A encenação do casamento acontece de forma teatral, bem divertida e marcada por exageros como complementa LEAL 2004:

O Casamento na Roça é uma encenação que nos mostrava como narrativa, a realização de um casamento imposto pelo pai da noiva por esta se encontrar gestante e o noivo ainda não ter assumido o compromisso matrimonial. Era uma sátira observada pela sociedade sobre a instituição do casamento e a consequência do sexo antes do matrimônio diante de um pai austero. (LEAL, 2004, p.43)

Atualmente cada quadrilha modificou a forma de como desenvolver o casamento na roça, os personagens são os mesmo, porém a cada ano buscam inovações e formas criativas de executar tal teatralidade. Os brincantes da quadrilha, por exemplo, fazem parte do público/convidados da cerimônia, onde juntamente com a música, produzem outros sons, com palmas, com a sola dos calçados, transformando em um grande espetáculo de música e dança.

A dança tradicional da quadrilha junina é comemorada no mês de junho no Brasil, pois nesse mês a igreja católica homenageia três santos, Santo Antônio no dia 13 de junho, que representa o santo casamenteiro; São João no dia 24 de junho,

simbolizando as fogueiras, que é um símbolo muito forte nessa comemoração, onde se comemora o fim do inverno e as boas colheitas e São Pedro no dia 29 de junho, representa o povo no trabalho da pesca e navegação, o padroeiro dos pescadores. Por serem comemorações que acontecem no mês de junho receberam o nome de “juninas” ou “juaninas”

A quadrilha no Brasil era dançada com alguém falando os passos para os brincantes os realizarem, como estes termos a principio eram em Francês e os brasileiros não tinham domínio da língua começaram a dizê-los em uma mistura de um francês com português, o que deu origem ao matuteis, mistura do linguajar matuto com o francês, que caracteriza a maioria dos passos de quadrilha junina, por exemplo, o termo *soirée* do francês era dito saruê, quer dizer para todos se juntarem no centro do salão, *en arrière* do francês “ falava anarriê, significa para trás, *en avant* do francês ficou anavã, significa para frente. Este brincante passa as informações dos passos é denominado de Marcador, ele desempenha um papel fundamental por ser o responsável em comandar toda a apresentação da dança quadrilha.

A quadrilha é um dos principais símbolos da festa junina brasileira, é dançava em escolas de rede pública ou privada, clubes, associações, ginásios populares como também pelos órgãos públicos: municipal e estadual. Os locais são decorados com balões, bandeirinhas, fogueiras, que são fortes símbolos da quadra junina e estão sempre presentes para caracterizar esta manifestação cultural.

Ao longo do tempo as quadrilhas sofreram mudanças em relação a alguns aspectos como: a musicalidade, as vestimentas, as coreografias, em geral tudo foi se transformando, pois esses aspectos estão conectados e tende a se alterar à medida que um elemento sofra alterações.

Os brincantes se caracterizam de acordo com a temática, precisam estar preparados e ter um bom desempenho na dança, para isso se preparam durante seis meses a apresentação, pois normalmente os ensaios começam no mês de janeiro, todos os dias da semana exceto aos sábados e domingos, para assim consegui organizar cada detalhe do espetáculo para o mês de junho.

É um compromisso que crianças, jovens e adultos assumem com a dança, precisa ter responsabilidade e disponibilidade para comparecer nos ensaios, pois não é mais somente uma dança para a diversão ou comemoração, são meses de muito esforço e trabalho, para uma competição seria e árdua, ALVES (2013, p.54) ressalta “[...] ensaios, numa sequência cansativa e repetitiva de coreografias, para obter a evolução, o alinhamento e a sincronia desejada [...]”.

Com as mudanças ocorridas nas quadrilhas os grupos passaram a ter uma temática que é desenvolvida durante a apresentação, são incorporados personagens, homenageiam artistas da televisão, meio ambiente, culturas, tecnologias, histórias infantis, contos de fadas, filmes, cidades, países, entre outros.

Esta dança tem passado por transformações culturais desde o momento que se espalhou no Brasil, pois ao adquirir os costumes e hábitos de cada região, foi modificando-se tanto o seu traje como a coreografia, ao ponto de suprimir alguns fatores tradicionais como, por exemplo, o traje caracterizado de caipira ou sertanejo de peças envelhecidas de simples florais ou quadriculados com proposições de novos tecidos mais caros e finos, a exemplo a ceda, o cetim, a organza e materiais brilhosos.

A coreografia que era composta por grandes rodas, cerrote, maresia, túnel, passos tradicionais da quadrilha junina no Brasil, apresentam outro visual, com passos e movimentos bem ensaiados e elaborados, com sequências coreográficas totalmente distintas do que se tinha como tradicional, os brincantes passam meses para ensaiar uma variada sequência de passos e novos desenhos espaciais.

Tais modificações vêm ocorrendo anualmente e se alterando cada vez mais confirmando o pensamento de Chianca ao dizer que:

A real paternidade do movimento parece difusa, sendo constituída a partir de diversos grupos que teriam recorrido de modo pontual e simultâneo a lantejoulas, paetês, novos tecidos, maquiagem, roupas e depois novas coreografias e temas inovadores na apresentação. (CHIANCA, 2007, p. 52).

Porém, para que esses passos não sejam inteiramente extintos, o regulamento do concurso consta que cada quadrilha precisa apresentar no mínimo quatro passos tradicionais, para não se perder totalmente.

A quadrilha passou por uma trajetória histórica, da classe alta, para o povo, e cada ano tem passado pelo processo de modernização. Os grupos de quadrilha praticamente tornaram-se empresas, onde precisa está legalizada, possuindo Cadastro Nacional Pessoa Jurídica (CNPJ).

Da década de 1980, século XX, para a atualidade a quadrilha tornou-se um espetáculo, competições acirradas, deixando de ser uma dança festiva, para ser um espetáculo bem elaborado.

Com o objetivo de organizar a disputa entre os grupos de quadrilhas juninas nos concursos criaram regras e regulamentos. Em geral os quesitos para julgamento são coreografia, traje, marcador, evolução, conjunto, tema, os quais variam muito para cada concurso. Os oficiais sempre primam pela presença dos passos

tradicionais sem desconsiderar as propostas inovadoras que dialoguem com a tradicionalidade. Estas informações sobre a quadrilha atual fazem parte do que ocorre em Belém. A próxima subseção retratará sobre a quadrilha de Abaetetuba, local que tenho grande vivência como brincante.

2.1- QUADRILHAS JUNINAS NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

Por volta da década de 60 até os anos 80 do século passado, as quadrilhas no município de Abaetetuba existiam apenas como uma diversão e comemoração para os habitantes da cidade, os pequenos grupos de quadrilha se organizavam, para apresentação da dança nos mês de junho, os próprios brincantes e apoiadores dos grupos, confeccionavam os trajes e ensaiavam as coreografias, pois não havia uma preparação com muitos meses de antecedência, pelos passos tradicionais se repetirem todos os anos, a comando do marcador da quadrilha, os brincantes saiam de uma formação para outra e já sabiam como desenvolver tais movimentos, como LEAL (2004) menciona:

A Quadrilha Tradicional mostrava as seguintes características: era composta somente por passos tradicionais; os desenhos espaciais eram mais simples, principalmente nas passagens de um desenho para o outro; os pares de casais eram fixos; o ritmo coreográfico era linear [...] (LEAL, 2004, p.64)

A festa junina acontecia nas ruas da cidade, eram realizadas pelos clubes esportivos Vasco, Vênus, Abaeté, Tietê, Palmeiras e clubes sociais, Bancrêvea Clube, Assembleia Abaetetubense e AABB-Associação Atlética Banco do Brasil. Fechavam algum determinado local, interditavam e enfeitavam para a comemoração do arraial junino, havia varias festas em dias diferentes, promovidas pelos clubes sociais, promotores de eventos do município da época. Existiam muitas brincadeiras para a diversão do público como: pau de sebo, corrida de saco, quebra pote, cirandas etc. Porém, o momento mais esperado era as apresentações dos grupos de quadrilha.

Os organizadores da festa se juntavam para comprar uma premiação simbólica para as quadrilhas, para incentivar a apresentação das quadrilhas todos os anos, por não haver um concurso válido feito pelos órgãos públicos, então a premiação servia para incentivar as quadrilhas. Havia, também, o concurso de miss mulata de cheiro e miss caipira, cujos quesitos para julgamento passava pelo traje, coreografia e simpatia.

As misses são parte do elenco da quadrilha, onde trajam uma roupa diferente dos demais, representam algum personagem da temática abordada pela quadrilha e participam de um concurso isolado, concorrendo umas com as outras, cada uma em sua modalidade.

A apresentação das misses consiste em um concurso paralelo, que ocorre de maneira independente ao concurso de quadrilhas, no qual essas mulheres disputam o título de “melhor miss” referente à sua categoria específica, dançando uma coreografia que, em geral, possui 2 minutos de duração e rivalizando com as misses das outras quadrilhas (NOLETO, 2014, p.3309).

O público que comparecia para prestigiar o arraial junino se vestia a caráter com roupas no estilo caipira, de calças com visual desgastado e retalhos de panos costurados em formato de bandeirinhas, camisa xadrez, chapéu de palha e botas.

A partir da década de 90, os concursos de quadrilhas começaram a ser realizados pela prefeitura municipal de Abaetetuba, exatamente no ano de 1991. As quadrilhas passaram a receber uma determinada verba para a realização de suas apresentações, começando a ter uma disputa acirrada entre as quadrilhas, já existiam algumas quadrilhas formadas desde o período que era apenas uma apresentação, outras foram se formando no decorrer do tempo, pegavam a verba destinada para as apresentações e começaram a adquirir experiência e pouco a pouco se fortalecendo.

Ao tornar-se uma disputa séria, os concursos de quadrilha ocorriam em uma rua da cidade chamada Lauro Sodré, os organizadores fechavam um perímetro para a realização da festa junina, e se manteve na rua por dois anos, após os concursos passaram a ocorrer em uma sede fechada chamada de Terreirão Nacional, onde só aconteceu durante um ano. Prosseguiu em outro local chamado Laburina por quatro anos e se estabeleceu no Ginásio Hildo Carvalho até os dias atuais.

Com isso os ensaios tornaram-se frequentes, as quadrilhas passaram a se preparar meses antes da apresentação, para assim fazer uma apresentação em nível de concurso, inicialmente todas as quadrilhas se apresentavam de forma similar, com uma dança repleta de passos tradicionais e a famosa encenação do casamento na roça.

Anos depois as quadrilhas aderiram uma nova forma de demonstrar à dança, inserindo uma temática específica para elucidar a apresentação, homenageando artistas, países, culturas, tecnologias, contos de fadas, deixando um pouco de lado a tradição caipira que se tinha das quadrilhas.

O casamento na roça se manteve e alguns passos tradicionais ficaram para não perder totalmente a essência da dança, porém, sofreram algumas alterações,

pelas quadrilhas buscarem inovar, utilizando sua criatividade para um espetáculo exclusivo. As coreografias de conjunto, subgrupos, duos e solos superam os limites da mera dança junina e os expandem para diversos temas nacionais e internacionais, em lindos espetáculos de dança.

Com o vestuário não foi diferente, mudou bruscamente seu caráter caipira, acrescentando muito brilho, luxo e cores. A música também acompanhou, sofrendo diversas alterações, conforme pesquisado por Leal (2004):

O artigo do jornal Folha do Norte comenta sobre as interferências de outros estilos de músicas na quadra junina: “As músicas tocadas são baiões, maxixes e ritmos sertanejos, embora este costume já esteja caindo, pois já é muito comum em uma festa junina ouvir-se muito ‘iê, iê, iê’ e músicas modernas” (1973, s/n/p). (LEAL, 2004, p.69)

Em Abaetetuba a festa junina seguia os costumes de outros lugares do Brasil, que exibiam elementos culturais como fogueiras, fogos de artifício, banhos de cheiro, casamento na roça entre outras atrações. Essa festa popular ainda existe em Abaetetuba, porém reduzida em suas motivações. Quase extinta no tempo atual, entretanto a festa de hoje esta inserida em outras formas de consumismo cultural.

3.0 - CONTEXTUALIZAÇÕES TRAJE E COREOGRAFIA

Nesta seção procuro descrever sobre o conceito dos trajes juninos, quais funções o mesmo exerce dentro da quadrilha junina e de que forma é feita sua confecção. O mesmo tratando-se de coreografia, trazendo seu conceito, a função e importância dentro da quadrilha junina e como se dá o processo de construção coreográfica.

3.1- ABORDAGEM ACERCA DO TRAJE JUNINO: CONCEITO, FUNÇÃO E CONFECÇÃO.

No município de Abaetetuba o nome utilizado para vestuário da quadrilha chama-se traje, cujas vestes são as habituais, do dia a dia. Pois, anteriormente, as pessoas vestiam suas roupas mais bonitas para dançar na festa e, inclusive, a quadrilha. Neste sentido, eram roupas especiais para o domingo, para ir a um templo religioso ou um baile para dançar e, não exclusivamente para uma dança. Posteriormente, a quadrilha já inserida nos festejos juninos e com uma coreografia que trazia os hábitos e costumes do homem rural, o caipira ou o matuto, é inserido na quadra junina e na dança, assim, o traje passa a representar este ser campestre, o qual vem contrastando com o vestuário da quadrilha atual.

O traje em Abaetetuba, antigamente era elaborado a partir da referência do meio rural, ou seja, de forma característica caipira. Atualmente com as mudanças culturais que a sociedade perpassa, a configuração e a forma de confecção desses trajes tomaram outras referências, os figurinistas buscam inspiração em novas temáticas, produzindo o traje para elucidar de forma clara a narrativa da história que se está abordando na quadrilha.

Com as mudanças na confecção dos trajes, veio também os acessórios que o acompanha, também chamados de adereços, que servem para ajudar a contextualizar a história. Porém, tudo precisa estar de acordo com a época em que acontece, para assim repassar de fato seu significado, para OLIVEIRA:

O figurino é mais que uma veste, dispõe de uma responsabilidade, de mensagens implícitas ou explícitas sobre toda a perspectiva da história a ser contada possuindo encargos específicos dentro do contexto diante do público. (OLIVEIRA, 2015, p.16)

O que utilizamos na quadrilha é o figurino, um termo que expressa exatamente o espetáculo das quadrilhas juninas, que se conceitua como o traje utilizado por um personagem, é um elemento importante na linguagem visual do

espetáculo, possui uma história por trás a ser estudada e compreendida para assim o figurinista que é o profissional responsável por idealizar e confeccionar essa vestimenta possa dar o seu devido significado partindo de uma ideia, seja histórica, seja relacionada ao futuro, histórias em quadrinhos, contos de fadas, tecnologias, entre outros.

O figurino é tão parte do espetáculo quanto os outros elementos como o cenário, a música as coreografias, ele veste o personagem, além disso, ele dá vida a sentimentos, transpassa emoções, resgata memórias afetivas e culturais de quem vê, LINK menciona que o figurino “Enquanto elemento que comunica o vestir também retrata parte da cultura e deve ser considerado como tal, levando-se em consideração que o ato de vestir-se é também um ato de significação.” (2013, p.02)

Quando a temática abordada se trata de um período histórico, contos de fadas, o público vivencia junto à quadrilha o enredo e o traje contextualiza muito toda essa lembrança, ele conduz para a criação do personagem. Segundo OLIVEIRA:

O figurino, além de elemento comunicador, é um elemento do comportamento fundamental para reconhecimento das personagens, já que tem o poder de marcar épocas, status, profissão, idade, personalidade e perfil psicológico, aparecendo, na maioria das vezes, antes mesmo do gesto e da palavra. (OLIVEIRA, 2015, p.10)

O traje junino dentro da quadrilha em uma linguagem mais informal é o seu cartão postal, a primeira impressão que o público e o corpo de jurados têm antes de um grupo de quadrilha se apresentar, é o primeiro olhar para tentar compreender a história que será dançada e quais personagens serão representados.

Antes de julgar os demais quesitos como: coreografia, evolução, conjunto, marcação, os jurados tem a primeira impressão e visualização do contexto temático através do traje.

Na época das cortes europeias os trajes utilizados para comemorar a quadrilha simbolizavam uma elegante dança, onde as damas e cavalheiros trajavam suas mais belas roupas, neste baile havia a escolha da roupa mais bela da noite, porém, sem o intuito da competitividade. O que se difere das quadrilhas juninas de atualmente, que o traje é um elemento fundamental para a caracterização da dança, sendo um quesito julgado nos concursos, há uma grande competitividade e rivalidade entre as quadrilhas que se trajam para representar algum personagem de uma história, dando uma grande importância a visualidade que será mostrada no traje.

A quadrilha junina, após ter sido pulverizada por diversas regiões do Brasil, criou diferentes identidades específicas de cada localidade. Ao criar suas especificidades, pouco a pouco foi se tornando não somente uma simples celebração no mês de junho, mas criando uma disputa seria entre as quadrilhas, o que chamamos de concursos. Esses concursos começaram a ser idealizados de forma simples, ou seja, não havia uma cobrança árdua enquanto os quesitos julgados, o que mais contabilizava era a dança e a animação das quadrilhas, porém, com o passar do tempo esse costume foi se modificando e novamente ressignificando sua identidade, passando a dar grande importância a todos os aspectos e inserindo novos quesitos como: coreografia, maquiagem, animação, conjunto e sucessivamente no traje, onde conseqüentemente criou uma disputa ainda mais acirrada entre os grupos de quadrilhas juninas.

Portanto todos esses quesitos em específico os trajes possuem um significado se suma importância para esta dança, revelando sua história e precisa está de acordo com a temática abordada, existe um grande roteiro por trás que precisa ser seguido para ser feito um bom trabalho.

Precisa-se dar atenção não somente a forma estética, como também em seus ajustes, costuras, acabamentos, para não correr o risco de algo derrubar durante a apresentação acarretando a perda de pontuação, onde um décimo pode ser decisivo na hora do resultado que levou meses de muito esforço para preparação de um espetáculo. Adereços como: arranjo de cabeça, calçados, perucas (se houver) também fazem parte deste conjunto e necessitam está ajustados.

O traje nos possibilita criar um imaginário junto à dança quadrilha, um auxilia o outro para haver unicidade. Propicia que o público viaje em imagens durante a dança e interaja com os dançarinos no decorrer da coreografia. Normalmente as quadrilhas trazem um elemento surpresa, sendo seu elemento cênico, que representa de forma clara a objetividade da temática, mas precisa ser estudado para não apresentar informações contingentes ao público e jurados, como ressalta OLIVEIRA “Para que a construção narrativa aconteça de maneira fiel ao objetivo proposto é importante que haja um estudo profundo para a estruturação e concepção do personagem tal qual sua realidade”. (2015, p.16).

O traje transmite emoções, euforia, lembranças são geradas, linguagens através das cores, formas, composição, estilos, épocas, que permitem ao dançarino viver e representar seu personagem, o que é muito importante, o dançarino precisa estar confortável com seu figurino, para assim se sentir seguro e atuar de forma

prazerosa a história que se está narrando, gerando assim um impacto visual instantâneo, em que o intérprete é valorizado e a história também.

A confecção dos trajes parte primeiramente de um roteiro, dentro deste existe uma diversidade de significados que precisam ser expostos no traje para a interpretação devida da história, precisa ter uma simbologia para repassar um esclarecimento acerca da narrativa. Por isso...

A simbologia é a base para criação dos trajes cênicos que representam seus personagens, refletindo suas ações e vivências. É função do figurinista criar esse simbolismo como elemento comunicador. (OLIVEIRA, 2015, p.17)

Para começar a desenvolver o traje é de suma importância conhecer a história que será apresentada, pois após essa pesquisa feita acerca do tema, o traje começa a ser pensado. “A pesquisa histórica é fundamental na construção do figurino, pois, através dos estudos é possível reproduzir fielmente a indumentária referente ao período retratado no enredo.” (CASTRO E COSTA 2010, p.09)

O figurinista que é o profissional responsável por desenvolver esta tarefa precisa estar envolvido com a temática, para que tanto a roupa quanto os acessórios revelem o perfil do personagem que será apresentado. Para ele:

A pesquisa é primordial no processo de criação dos figurinos, fazendo parte do procedimento do trabalho do figurinista variados tipos de pesquisa como pesquisa de campo, história, de hábitos, cultural, de gestos, de cores, de texturas, de materiais, de moda e até orçamentária. (OLIVEIRA, 2015, p.18)

É muito importante, também, que esse profissional saiba o local onde será desenvolvida a dança, precisa estar a par das coreografias e cenografias que serão utilizadas para confeccionar o traje, para que o mesmo não prejudique os movimentos coreográficos e nem os objetos de cenografia.

A pesquisa das temáticas para as quadrilhas começa a ser estudada meses antes de começar os ensaios, nas quadrilhas no município de Abaetetuba, por exemplo, há vários membros da direção, ambos podem fazer suas pesquisas e após um tempo se reúnem para a apresentação dos projetos pesquisados, tendo assim uma votação para a temática mais coerente e completa, definindo o trabalho que será desenvolvido durante o ano.

Normalmente cada quadrilha já possui um figurinista fixo, que está por dentro das propostas ou até mesmo o próprio profissional desenvolve uma pesquisa, esse profissional precisa ter um olhar sensível para analisar a temática, a partir da escolha começam a coleta de fontes de informações, filmes, imagens, revistas,

reportagens, marcos históricos, internet, diversas fontes para que essa composição seja feita. Para CASTRO E COSTA:

Reproduzir um figurino fiel de uma época é um desafio que aguça a curiosidade de todos os figurinistas. Os mesmos recorrem aos livros de histórias, pinturas e fotos antigas, buscando conseguir extrair detalhes de aviamento, modelagem e tecidos. É um estudo minucioso, que exige que o profissional seja observador (2010, p.09).

Após esse processo de pesquisa estabelecesse o roteiro, importante ressaltar que precisa estar em consenso com o coreógrafo, pois o traje precisa estar em sintonia com a coreografia, é necessário analisar quais movimentos cabem ou não para determinado traje, por exemplo, movimentos no nível baixo podem dificultar a execução do mesmo se for uma vestimenta muito pesada, tudo isso tem que ser pensado, para não correr o risco de se enrolar com a roupa ou até mesmo cair algo do traje devido esse contato com o chão, ou que a coreografia se sobressaia para não danificar o traje e o traje em si não atrapalhe a execução dos movimentos.

O próximo passo é fazer um croqui, que é uma ideia inicial desse processo para daí definir quais materiais serão utilizados na construção dos trajes, é um processo demorado, que precisa de tempo para ser confeccionado, que será bem antes das apresentações para possíveis ajustes. É aconselhável ensaiar com o traje para saber o que atrapalha ou não a execução da coreografia para assim estar confortável com o mesmo. O traje confeccionado...

[...] busca aspectos em comum tais como durabilidade, conforto, ergonomia e formas de conservação. Além disso, esta atividade implanta nos artesãos envolvidos na confecção a preocupação com a questão do corpo que veste o traje em cena, levando a reflexão acerca da visualidade do espetáculo. (RIBEIRO, 2010, p.6)

O figurinista precisa trabalhar com efeitos de cores, texturas para a produção dos trajes, pois conforme Teixeira e Chagas “a quadrilha necessita de tons “alegres”- que darão mais destaque ao traje e ao conjunto visual no momento da movimentação dos brincantes.” (2013, p.13).

Quando o croqui passa a ser confeccionado de fato, os detalhes de costuras e a forma como os adereços ficaram sobrepostos no tecido precisa estar bem esclarecido para não haver algum erro durante o passo inicial.

Para cada tipo de apresentação, existe uma forma de confeccionar o figurino, por exemplo, para um filme o figurino de uma princesa será de forma bem formal, pois a forma de se movimentar é simples, já para um espetáculo de dança o figurino de uma princesa precisa ser flexível, para executar de forma clara os movimentos, o

figurinista precisa mudar o modelo sem alterar o sentido da história, para isso precisa adaptar o figurino a partir de muito estudo e criatividade.

Contudo muitas vezes os profissionais que confeccionam os trajes juninos, não buscam uma pesquisa necessária para a essa confecção e acabam exagerando em alguns aspectos.

Os trajes confeccionados muitas vezes buscam apenas uma bela estética, o figurinista não se preocupa com as linhas corporais, com os movimentos que serão executados com o traje, limitando o brincante de desenvolver de forma completa e segura a coreografia.

Além disso, o custo dos materiais em geral da contemporaneidade é altíssimo, gastam-se fortunas com roupas luxuosas, tendo a opção de utilizar tecidos mais baratos, basta saber remanejar e usar a criatividade para obter um belo visual a baixo custo, tendo em vista que para SOUZA (1997):

[...] o chitão, cujo valor na verdade está em saber usar e como usar esse tecido popular, sem perder de vista a exuberância natural desse material e que pode resultar num excelente trabalho. (SOUZA, 1997, p.20)

O conjunto dos trajes precisa estar em sintonia, ter seu significado, contrastes e estar de acordo com a temática. Os trajes dos brincantes se tratando da confecção normalmente são feitos em apenas uma costureira, fazendo com que todos fiquem semelhantes, em contrapartida as miss das quadrilhas geralmente confeccionam seus trajes independentes dos demais brincantes, prejudicando muitas vezes o visual do conjunto.

Em Abaetetuba, por exemplo, a escolha da miss é muito individualista, ou seja, a direção ou até mesmo uma única pessoa escolhe, nem sempre pelo talento de representar bem determinado papel, mas escolhem quem tem condições financeiras para arcar com o traje da modernidade, ocorrendo uma confecção individual que se torna desproporcional ao restante do grupo, como confirma Souza:

No que diz respeito ao visual do grupo, outro grande problema faz referência a indumentária da Miss. Como destaques no grupo, utilizam-se de modelos diferentes ao modelo padrão utilizado pelos demais, resultando num conjunto desequilibrado e sem harmonia. (1997, p.21)

3.2 - CONTEMPORANEIDADE E INFLUÊNCIAS CARNAVALESCAS NO TRAJE JUNINO

Para melhor compreensão nesta subseção começo trazendo um breve histórico do carnaval, para mais adiante esclarecer as mudanças que a

contemporaneidade trouxe para esta festividade que influência nas quadrilhas juninas.

Segundo DELGADO (2012), “O carnaval é um dos festejos de maior vulto do país, sua importância enquanto elemento que compõe a identidade brasileira é inegável, um ritual nacional que une todos numa mesma classe social, uma parodização da sociedade.” (2012, p.37)

O carnaval é uma das festas populares mais divertidas e significativas do mundo, tem sua origem no entrudo português, onde os brincantes se jogavam farinha, limões de cheiro, baldes de água, areia etc. O entrudo acontecia no período anterior à quaresma, portanto tinha um significado ligado à liberdade que permanece até os dias de hoje no Carnaval.

No final do século XIX começaram a aparecer os primeiros blocos carnavalescos, as pessoas se fantasiavam, decoravam seus carros e em grupo, desfilavam pelas ruas da cidade, daí surgiram os carros alegóricos hoje existentes.

As maiores escolas de samba estão localizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, com um visual bem diferente do que se tinha antigamente, os carros alegóricos, por exemplo, são gigantes, não mais aqueles pequenos carros enfeitados sofreram muitas transformações influenciadas pela contemporaneidade, tecnologias e globalização, DELGADO afirma:

As tradições e costumes sofrem naturalmente transformações, as manifestações culturais têm por característica básica a mudança ao longo do tempo, no entanto, o contato com os turistas, assim como, a crescente popularização das tecnologias de comunicação e a globalização têm acelerado este processo. (DELGADO, 2012, p.40)

Com o passar do tempo o carnaval mudou, alterando também a cultura do uso de fantasias, no Rio de Janeiro haviam blocos com foliões fantasiados, carros alegóricos, onde os donos enfeitavam cada um de sua maneira para comemoração do carnaval, toda população participava, porém aos poucos o carnaval foi criando um caráter profissional, surgiram às escolas de samba que passaram a concorrer umas com as outras por um título.

Quando o carnaval passou a ser uma grande competição, a dinâmica do espetáculo passou a ser da seguinte maneira: as escolas de samba definem uma temática para a escola, e os figurinos são confeccionados de acordo com cada ala e carro alegórico, formando um grande enredo com fantasias e cenários super luxuosos, tudo visivelmente influenciado pela contemporaneidade e alterada de seu contexto histórico cultural.

Estamos vivendo uma era de constante modificação, onde faz-se necessário alterar o meio em que vivemos para nos adaptar as mudanças, pois somos influenciados todo tempo pela massa de informações e tecnologias lançados no mercado, que facilita o modo de desenvolver as atividades diárias, reduzindo a quantidade de tempo, que antes era tomado.

A transformação pela qual passou o carnaval mudou o dinamismo dessa cultura popular, não eram mais apenas aqueles festejos de ruas com as fantasias dos foliões, os trajes foram se adaptando de acordo com a época ou local ao qual estavam presentes, alguns mantendo tradições, outros trazendo inovações, cada um com suas especificidades.

Em meio a isso exemplifico a questão dos trajes juninos, que antigamente os tecidos eram lisos e para a apresentação o figurinista adornava o traje para um diferencial no visual. Na atualidade o ornamento continua, porém os tecidos já apresentam desenhos com brilho, pedrarias, estampas chamativas, diminuindo a quantidade de materiais de adornos e tempo para deixá-lo mais bonito.

Assim como o carnaval o traje da quadrilha sofre influência da contemporaneidade, ou seja, as quadrilhas também passaram a reproduzir em sua dança, um tema específico e pouco a pouco foi modificando seus trajes, cenários, músicas etc.

Os trajes juninos de vestidos longos vieram das senhoritas do período da Regência, como mostra a figura 1, foram modificadas com o tempo de acordo com a necessidade de cada época e com a cultura do lugar, como o traje caipira do Sudeste (São Paulo e Minas Gerais), figura 2, a dança era a principal ferramenta das quadrilhas logo que se espalhou pelo Brasil e atualmente todos os quesitos como: coreografia, traje, tema, conjunto, entre outros, se faz necessário para competir e conseguir ganhar o título.



Figura 1: Vestido do período da Regência no Brasil

Fonte: searchq=imagem+de+vestidos+da+regência&espv=2&tbm=isch&im



Figura 2: casal de noivos caipira

Fonte: <http://www.diadocasamento.com/trajes/elas/vestido-de-noivacaipira>

As quadrilhas de Abaetetuba passaram a produzir grandes e luxuosos cenários para contextualizar melhor com a temática abordada, os trajes já são totalmente estilizados e desvinculados do que tínhamos como tradicional, com materias chiques, pedrarias, pérolas, plumas, faisões, tecidos finos, bordados bem feitos, com um visual característico dos trajes carnavalescos, figura 3, que é de onde as quadrilhas buscam ideias e inspiração para a realização do seu espetáculo, usando da criatividade para inserir os aspectos do carnaval sem alterar o sentido que quadrilha representa, buscando acompanhar a contemporaneidade que a cada

ano nos da mais possibilidade de inovar e acrescentar elementos modernizados para o espetáculo.



Figura 3: Traje da Quadrilha Luzes de Abaetetuba

Fonte: Página Junina Abaete no Facebook

3.3- COMPARAÇÃO DO TRAJE EM TRÊS PERÍODOS 2007, 2013 E 2016.

Para melhor compreensão, faço a comparação primeiramente dos trajes na época das cortes europeias, após como o traje se modificou ao chegar ao Brasil, trazendo uma característica caipira representando a vida no campo e conseguinte apresentando a estilização desses trajes nos três períodos 2007, 2013 e 2016 a partir das influências contemporâneas.

Na época das cortes europeias as damas usavam roupas bem pomposas, com volume, perucas, anáguas, vestidos longos com a cintura bem demarcada, não muito rodado, gola alta e como calçado uma botina com salto pequeno. Os cavalheiros utilizavam roupas de gala, casacos compridos até os joelhos, colete, uma calça bem ajustada, gravata de laço, camisa de colarinho e bota. Os tecidos eram finos, elegantes, todos vestiam suas melhores roupas para a comemoração da festa, conforme demonstra a figura 4.



Figura 4: Trajes utilizados na época da corte europeia.

Fonte: Blog Brigue Beagle

Depois da chegada da tradição junina ao Brasil, os trajes foram sendo modificados de acordo com a cultura de cada região. “As quadrilhas existentes no Brasil foram ganhando peculiaridades próprias das regiões e ao mesmo tempo definindo as várias modalidades ramificadas da original.” (LEAL, 2004, p.44)

Os tecidos já se diferem do que era utilizado nas cortes, eram utilizados nos trajes femininos panos estampados, com muitas fitas e flores, normalmente utilizava-se um tecido chamado chita, que era popular para representar o traje caipira, os vestidos tinham cores fortes, de longo passou a ser um pouco mais curto devido o calor do campo, com rendas e babados, que davam um visual muito bonito ao ser dançado em conjunto, mangas largas, o cabelo das damas também fazia parte desse repertório junino, elas partiam ao meio, faziam duas tranças e amarravam com fitas, utilizavam chapéus de palha bem enfeitados, batom de cor viva, meia calça, desenhavam pequenas sardas no rosto com lápis de olho, que simbolizavam as marcas do sol.

A vestimenta masculina também mudara, passou a ser confeccionada com tecidos listrados e escuros, a camisa xadrez é característica das festas caipiras, calça jeans com retalhos de bandeirinhas costurados, que era para cobrir as marcas de trabalho, furos, vestígios de uma roupa desgastada, desenhavam bigodes, o calçado era uma bota de cano alto, chapéu de palha, representando a vida dos camponeses, que trabalhavam pesado de sol a sol e utilizavam o chapéu para sua proteção. Como afirma LEAL (2004)

Eles frequentavam a festa com roupas simples e descontraídas do seu cotidiano. Nesta concepção, eles se apresentavam às festas da seguinte maneira: a dama usava vestido de chita floral, semilongo, os adereços do vestido eram mangas fofas com pequenos folhos, estes acompanhavam o decote com fitas e rendas e, em tamanho maior, na barra da saia. Os

cavalheiros compareciam vestidos de paletó, calças compridas, lenço, chapéu e botina. (LEAL, 2004, p.43)

Como exemplos temos a Figura 5 e 6 abaixo:



Figura 5 – Traje das damas no estilo caipira

Fonte: Fashion Bubbles



Figura 6 – traje dos cavalheiros no estilo caipira

Fonte: notícias do Acre

E assim se perpetuou por muito tempo, até a chegada das quadrilhas estilizadas por volta dos anos 80, onde os trajes passam a ter uma influência muito grande das escolas de samba, ficando com caráter carnavalesco. Conforme entrevista feita com figurinista a respeito das mudanças no traje o mesmo diz que:

Antigamente se usava muito chita, florais, flor do campo, cuinha de seringa, palha da costa, folho frufus, peças em coxê, meias calças de crochê, vestido de chita e bandeirinhas de tecido costurada nas calças dos cavalheiros, finalizando com um belo chapéu de palha cru. Hoje com avanço da tecnologia e a modernidade do mundo atual, surgiram peças elegante, e trazendo um novo ver os trajes juninos. Nada de palhas ou flor do campo. Atualmente o brilho vem crescendo com frequência entre os novos estilistas, é o chama, a era do glamor e da riqueza. Hoje, por exemplo, um traje junino custa em média 2.500, são usados peças de cristais, semijóias, strass, gripí, organza em cristal, os mais belos tulhe, canutilho, gotas de cristais, esvarosvequi, etc. (Clefon Santos Rodrigues, 2017)

No ano de 1991 deu-se início ao concurso de quadrilhas juninas no município de Abaetetuba, os trajes ainda tinham um caráter matuto, ou seja, advindo da vida no campo, todas as quadrilhas que participavam dos concursos utilizavam roupas caipiras, porém não era obrigatório possuir uma temática específica, mas muitas quadrilhas já traziam representações de alguns personagens e pouco a pouco foi se padronizando até que todas as quadrilhas passaram a representar uma temática específica. A figura abaixo retrata o primeiro concurso de quadrilha junina em Abaetetuba;



Figura 7- Quadrilha junina de Abaetetuba no ano de 1991

Fonte: página Memória Junina no facebook.

No ano de 2007, o primeiro ano como brincante da quadrilha junina o traje junino já estava modificado, mas ainda trazia resquícios da simplicidade e materiais utilizados nos trajes caipiras, ainda não havia o excesso de informação na cena, era apresentada uma temática e desenvolvida a dança, sem cenários ou adereços para complementar a contextualização da temática.

Os trajes eram leves, pequenos e simples, possibilitando muita visualidade para o movimento executado, não causavam desconforto e era fácil de vestir, mas já havia alguns materiais com brilhos, para deixar o visual mais bonito, cores fortes também faziam parte do traje junino.

Apesar de não ser tão distante o ano de 2007 para os dias atuais, naquele período as tecnologias ainda eram recentes e acesso a materias para confecção dos trajes, ainda era raro, pois tudo era novidade no mercado, tornando-se muito caro, além disso, a cultura das quadrilhas juninas ainda era apresentada de forma simples, sem muitas influências da cultura carnavalesca, mas já havia uma grande rivalidade entre as quadrilhas, fazendo com que cada ano se empenhasse em trazer uma novidade para o público, provocando a cada ano mais modificações, como ilustra a figura 8:



Figura 8: traje da quadrilha Revelação Junina de Abaetetuba no ano de 2007

Fonte: Página Memória Junina no Facebook

No ano de 2013, foi o último ano que participei como brincante da quadrilha junina, que compreendeu o período de 2007 a 2013. Entre esse anos percebi como o traje modificava-se, revelando um novo visual dessa manifestação da cultura popular.

Os trajes sem dúvida sofreram grandes alterações, de um estilo matuto para o estilizado, passou e passa por um processo de mudanças advindo da contemporaneidade, que se faz necessário para conseguir acompanhar as inovações que o mercado oferece, para não se ultrapassado.

Foram inseridos diversos tipos de materias e tecidos diferentes nos trajes juninos, materiais como fitas brilhosas, rendas, flores personalizadas, o adereço de cabeça passou a ter outra forma, os chapéus não são mais somente de palha e sim coberto pelo tecido a combinar com o traje, com rendas na borda, as saias das damas mudaram sua forma, não eram mais aquelas saias até os joelhos, ficaram mais curtas, usando o tule para fazer a armação da mesma. Tecidos como: cetim, seda, veludo, organza foram inseridos, deixando o tradicional quadriculado e florido para trás, conforme figura abaixo.



Figura 9: traje da quadrilha Revelação Junina de Abaetetuba no ano de 2007

Fonte: Página Memória Junina no Facebook.

De 2014 a 2016, minha participação na quadrilha junina foi apenas como espectador, para melhor percepção da modificação dos trajes, citarei apenas o ano de 2016.

Quando dançamos, conseguimos sentir varias emoções, mas ao mesmo tempo não conseguimos ver nada, precisasse está muito concentrado para a apresentação, mesmo que a roupa esteja desconfortável, o adereço de cabeça esteja doendo, o nervosismo esteja tomando conta, quando entramos em cena, tudo que precisamos mostrar ao público é segurança e o que tal dança simboliza. LOBO e NAVAS enfatizam que “Dançar é a expressão do sensível que, ao se lançar no espaço externo, configura-se em forma, criando símbolos e significados”. (2008, p. 25)

Como comecei a cursar Licenciatura em Dança em 2013, que foi o ultimo ano como brincante, passei a perceber melhor, a ter um olhar critico ao assistir um espetáculo de dança, especialmente a quadrilha junina, a qual vivenciei todo processo por anos, conseguindo assim, observar não somente a estética que envolve a dança, mas também analisar a postura de cada brincante, ou seja, uma grande percepção sobre o nervosismo que cada um apresentava, ou se estava limitando seus movimentos por algum incômodo causado pelo traje.

O ano de 2016, sem dúvida foi um ano de grandes inovações nas quadrilhas juninas no município de Abaetetuba, totalmente influenciado pela cultura carnavalesca, o ginásio onde é realizado o concurso, foi tomado por grandes cenários, um maior que o outro, uma competição muito acirrada entre as quadrilhas.

Os trajes com transformações significativas, sempre acompanhados de adereços, que são relevados no decorrer na dança. As mudanças deste acompanhavam grandes cenários, adereços surpresas, que chamamos de truque em Abaetetuba. A imagem abaixo demonstra de forma clara essas modificações.



Figura 10 – traje da Quadrilha Coração Junino de Abaetetuba no ano de 2016

Fonte: Página Memória Junina no Facebook.

3.4- ABORDAGEM ACERCA DA COREOGRAFIA JUNINA: CONCEITO, FUNÇÃO E PROCESSO.

A coreografia é de origem grega, koreos = dança, movimento; grafia = escrita que significa “a escrita da dança”. Então compreende-se por coreografia um conjunto de movimentos, realizados de maneira estrutural, com um objetivo pré estabelecido, que precisa-se ter sentido ao ser desenvolvido, para alcançar o planejado, LOBO e NAVAS (2008) enfatizam que “[...] coreografia, expressão que tem origem no grego e quer dizer: a grafia de danças de corais, danças de grupo.” (p.25).

A coreografia junina assim como os outros estilos de dança, tem seu próprio modo de ser desenvolvida, os movimentos são mais acelerados e fortes, super marcados, é uma característica das coreografias juninas, por exemplo, ao finalizar determinado movimento bater com os pés bem forte ao chão, causando um som, que deixa um conjunto muito bonito quando sincronizado.

A coreografia vai além de movimentos corporais, o corpo precisa estar conectado com o ambiente, para conseguir ter percepções acerca de sentimentos, e conseguir expressar a dança e a história que está sendo contada com qualidade, para a melhor compreensão e reconhecimento do público, LENORA e NAVAS dizem

que “Na dança quem escreve é o corpo com suas percepções, sensações e sentimentos transformados em qualidades expressivas no espaço e no tempo, seus parceiros inseparáveis.” (2008, p.25).

A função da coreografia na quadrilha junina é repassar ao público e ao corpo de jurados a história que se está sendo abordada, ou seja, demonstrar a temática em forma de movimentos e conseguir alcançar o objetivo planejado, contendo não somente movimento por movimento, mas sim um significado por trás de cada passo.

A coreografia precisa tratar do tema caipira e o brincante está totalmente conectado ao que se busca repassar, pois de nada adianta executar movimentos com primazia sem expressividade.

Na quadrilha junina a coreografia, precisa estar sincronizada e bem ensaiada, para o quesito chamado conjunto, ser dinâmica, movimentos definidos, entre outros itens importantes, pois ao apresentar problemas perde ponto.

A coreografia assim como o traje passou por muitas transformações, atualmente tem uma função fundamental para o espetáculo da quadrilha, pois é ela que forma a dança, a partir da composição de vários movimentos tornando-se uma sequência coreográfica, que antigamente era apenas uma dança improvisada, improvisada no sentido de não haver ensaios para uma preparação, pois os passos e desenhos espaciais eram pré-estabelecidos. .

Para desenvolver a composição coreográfica da dança da quadrilha, é necessário assim como no traje, ter o conhecimento acerca da temática abordada, estudar e pesquisar movimentos novos para entrelaçar com alguns passos tradicionais, buscar diferentes desenhos espaciais, apresentar uma música que esteja relacionada com a proposta temática, para assim mostrar coerência com o tema.

As coreografias atuais apresentam uma composição mais complexas, com diversificados passos de outras danças, além de vocabulários de movimentos novos, requerendo muito ensaio. Porém, a coreografia criada para a quadrilha no município de Abaetetuba, normalmente não está associada a técnicas ou conceitos estudados e analisados por profissionais da dança, na maioria das vezes o coreógrafo é alguém com talento, ou como falam popularmente, nasceu com o dom para desenvolver tal trabalho, neste perfil cria suas coreografias através da sua imaginação e criatividade, sem qualquer molde tecnicista de alguma determinada dança como afirma SOUZA 1997:

Tudo é puramente imaginativo, brota espontaneamente sem qualquer conhecimento teórico da dança, ainda que seja um simples aquecimento muscular ou como desenvolver a estrutura coreográfica responsável pelo

encadeamento dos “passos”. Tudo intuitivo, não existe a informação nos moldes da academia muito menos a informação a respeito da dança quanto uma dança de cunho popular, desenvolvido pelo povo. (SOUZA, 1997, p.16)

A imaginação cria uma diversidade de movimentos e desenhos espaciais que encantam o olhar do público, mas os coreógrafos precisam ter muita cautela na hora de criar cada sequência coreografada, para não cometer erros na montagem das sequências ou informações sem coerência. Para Souza:

O excesso de movimentos na montagem dos passos de quadrilha onde os coreógrafos abusam desses momentos, na maioria das vezes momentos culminantes nos espetáculos, nos quais se dão sucessivas piruetas ou elevações desajeitadas das bailarinas-brincantes e que acabam por comprometer a naturalidade da dança, do que inicialmente se entende como original (que é feito sem modelo; que tem caráter próprio), de um determinado passo de quadrilha. (SOUZA, 1997, p.17)

Nos concursos de quadrilha no município de Abaetetuba, para o julgamento do quesito coreografia, a organização do evento convida para julgar profissionais da área, que julgam tecnicamente todo o processo coreográfico, o que às vezes ocasiona tumultos ou confusões por parte dos coordenadores ou coreógrafos das quadrilhas, por não entender como seu grupo levou uma pontuação baixa nesse quesito.

O exagero ou a falta de movimentações que trazem significado para a dança mostrada faz com que as quadrilhas percam um ano de trabalho, por não se aprofundarem suficientemente nas técnicas exigidas pelos profissionais que iram julgar a quadrilha, SOUZA 1997 diz que:

Ao se estruturar a coreografia de um grupo de quadrilha, objetiva-se a exibição desse trabalho em um determinado concurso, público ou não, e que, via de regra, são julgados por profissionais da área (bailarinos, professores de Educação Artística, etc.). (SOUZA, 1997, p.17)

Todo e qualquer quesito precisa ter atenção ao ser elaborado, pois cada um fará diferença no final do concurso. A quadrilha junina é um concurso de dança, onde a coreografia precisa estar bem desenvolvida, para que assim os demais quesitos venham acrescentar sem ofuscar o principal objeto, a coreografia.

3.5- COMPARAÇÃO DA COREOGRAFIA EM TRÊS PERÍODOS 2007, 2013 E 2016.

No ano de 2007, as coreografias das quadrilhas juninas de Abaetetuba ainda traziam um caráter bem tradicional, com as movimentações utilizadas pelas

quadrilhas advindas do campo, os brincantes se organizavam de forma simples, em pares fixos, filas, colunas ou todos em uma grande roda, esses eram os desenhos espaciais mais utilizados pelas quadrilhas.

Neste mesmo ano a Quadrilha da qual fiz parte chamada Revelação Junina, trouxe o tema o mestre Vitalino, homenageando Vitalino Pereira dos Santos, que era um artesão que retratava em seus bonecos de barro a cultura e o folclore popular do Nordeste e da tradição do modo de vida dos sertanejos..

Os movimentos tradicionais como: balancê que é marcar o passo, balançar o corpo no ritmo da musica sem sair do lugar, o túnel onde os casais de mãos dadas vão andando em fila formando um arco, com as mãos para cima, todos os casais devem passar pelo centro, o caracol que todos estão em uma única fileira, ao comando, o primeiro da fila começa a enrolar a fileira como um caracol etc. Esses movimentos eram muito utilizados, os passos das quadrilhas eram bem empolgantes, os dançarinos ao executar o movimento gritavam o nome o que levava o público a uma grande euforia.

No ano de 2013, o visual das quadrilhas de Abaetetuba tomaram outra forma, em todos os quesitos, a coreografia especificamente se transformou, os passos tradicionais eram pouco vistos e quando apareciam era de uma forma diferenciada, com outra figuração.

Diversos fatores influenciaram para que a coreografia se modificasse, o principal fator é a contemporaneidade, que a cada ano nos possibilita uma infinidade de novas ferramentas, onde estes elementos alteraram os trajes juninos tradicionais, os adereços, cenários, a musicalidade etc. Cada quesito precisa caminhar junto, levando então a alteração do processo coreográfico.

As coreografias passaram por um grande processo de transformação, os passos são mesclados, conforme entrevista feita por um coreógrafo do município de Abaetetuba que relatou sobre essas mudanças ocorridas na coreografia, relata:

As coreografias de antes eram mais raiz, mais cultura, voltado de região pra região no caso a nossa que é Abaetetuba, era mesmo voltado para as quadrilhas antigas no Alavantú no anarriê, em fim. Hoje me dia não, as atuais já são uma grande mistura do técnico, do clássico, com um pouco de jazz o bailado, mas não perdendo a essência da antiguidade, tem que ter o alavantú o anarriê, resumindo as antigas eram menos coreografadas, eram mais bailadas, dançadas de acordo com o ritmo, com a letra da música. As de hoje não são mais realmente voltadas para clássico, são mais idealizadas, são mais aprofundadas. (Maria Eduarda Santos Pinheiro, 2017)

Outro marco muito forte que veio junto às alterações coreográficas, é a questão teatral, as quadrilhas narram a temática não apenas em forma de dança,

mas teatralizam a história, para que haja uma melhor compreensão do público e se torne diferenciada, elaborando isso de forma criativa e inovadora.

No ano de 2016 as coreografias permaneceram nesta mesclagem de diferentes linguagens de dança, a quadrilha junina se tornou um grande bailado de movimentos e desenhos espaciais ressignificados, acrescentando muitos saltos, giros, rolamentos, piruetas etc.

Os brincantes precisam ter uma melhor preparação física para dar conta de acompanhar essa modificação, onde exige não apenas uma boa resistência como também um corpo moldado para determinada técnica, que requer muito ensaio e praticidade, além de atenção no traje.

4.0- INTERFERÊNCIAS COREOGRÁFICAS PELO TRAJE JUNINO

Aqui estabeleço as mudanças que a coreografia sofreu a partir da necessidade de se adaptar ao traje estilizado, traje esse que como já foi explicado acima se transformou ao ser influenciado pela contemporaneidade, tornando-se uma vestimenta com materiais pesados e volumosos, o que afeta as possibilidades de movimentação do corpo, como mostra a figura 11.



Figura 11: traje da Quadrilha Coração Junino de Abaetetuba

Fonte: página Junina Abaeté no Facebook.

A estética de toda essa mudança ocorrida nas quadrilhas juninas é deslumbrante visualmente, é magnífico de se prestigiar tal espetáculo pela diversidade de elementos visuais nela existentes, porém muitas vezes acaba por prejudicar o desempenho do dançarino, pois pode ocorrer uma série de erros, tais como: cair algum adereço das mãos do brincante, prender-se na própria roupa ocasionando a desconcentração e errando a coreografia, se limitar devido o peso do traje, executando os movimentos de forma incompleta, ocasionando a perda de pontos e conseqüentemente eliminando a quadrilha para o título.

Quando o traje junino tinha um caráter matuto, confeccionados com flores do campo, patchouli, chapéus de palha, tecido chita ou quadriculado, a coreografia seguia esse mesmo padrão, ou seja, os movimentos mais realizados eram os

movimentos tradicionais, que eram facilmente dançados, pois o traje não causava limitações, era confeccionado de forma bem flexível.

Como brincante de quadrilha junina, participei da experiência em dançar com o traje tradicional caipira. Executar os movimentos com essa vestimenta me dava liberdade, no sentido de conforto, não me limitava, por exemplo, em realizar uma queda e logo em seguida me reerguer, pelo contrario o traje permitia amplitude de movimentos sem qualquer obstáculo.

Pouco a pouco o traje foi sendo transformado e aderindo novos materiais, tecidos, que mudaram nitidamente não só a estética dos trajes como também as movimentações que as quadrilhas passaram a apresentar, pois o processo coreográfico precisa está de acordo com as possibilidades que o traje permite para a realização da coreografia.

Houve varias alterações na dança da quadrilha junina, acrescentando diversos elementos que a contemporaneidade trouxe com passar do tempo. Um dos elementos implantados na quadrilha junina são adereços e percebe-se como o mesmo alterou a coreografia, fazendo não somente parte do traje como da evolução coreográfica, os adereços são usados para melhor representar à temática, o que antes não havia, a dança era feita de forma simples sem outros materiais para compor a cena. A figura 12 ilustra muito bem os adereços que as quadrilhas passaram a utilizar:



Figura 12: Quadrilha Raízes do campo de Abaetetuba

Fonte: Página Junina Abaeté no Facebook.

As quadrilhas juninas já não são mais de uma cultura tradicional caipira, se tornou um grande e rico espetáculo de brilho e elegância, inserindo grandes cenários (figura 13), para que a historia seja representada da forma mais realista possível, conforme ALVES:

Assim, nos dias atuais, observa-se nova forma de se produzir quadrilha, desde a escolha do tema (temas infantis, de cunho social, histórico, cultural), na forma de apresentar abrangendo teatro, danças coreografadas, inserindo dentro das apresentações efeitos de iluminação com cenários de palco gigantescos e acabamentos perfeitos. (2013, p. 52)

Figura 13: Cenário preparado para entrada da quadrilha



Figura 13: Cenário preparado para entrada da quadrilha

Fonte: página Junina Abaeté no Facebook

Ao se tornar estilizado, o traje junino influenciou no desenvolvimento e na composição da coreografia, como brincante também passei por essa transformação do traje caipira ao estilizado, percebendo a diferença em dançar com esses distintos trajes e executar outro estilo de coreografia que foi se inserido nas quadrilhas juninas.

Minha percepção acerca dessa mudança foi que houve a necessidade de adaptação do corpo na dança, construindo uma nova consciência corporal, os trajes já não eram tão confortáveis para executar os movimentos e algumas dificuldades foram surgindo como: aguentar o peso do adereço de cabeça, que acarretava na insegurança ao dançar, com medo do mesmo cair ao balançar bruscamente a cabeça, o excesso de materiais também atrapalhava, pois havia a preocupação de, por exemplo, algum adereço do braço prender-se na saia e ao puxar os materiais se desmanchassem, sendo assim descontado pontuação no quesito traje, entre outros.

A dança se tornou um grande bailado, super diversificada e contendo linguagens de danças distintas, a figura 11 ilustra um pouco a diferença do estilo de movimentação das quadrilhas:



Figura 14: Cenário preparado para entrada da quadrilha

Fonte: página Junina Abaeté no Facebook.

Como o traje já não é mais tão flexível, a movimentação que antes era realizada em todos os níveis, explorando bem o nível baixo, passou a ser desenvolvida a maior parte no nível alto, devido o traje não possibilitar movimentos muito amplos.

Quando colocado um movimento de queda e recuperação, é muito perceptível à dificuldade que o brincante tem em se levantar, é necessário ter uma boa preparação física e muita concentração para que ocorra tudo como planejado, ALVES diz “Nota-se que a dança de quadrilha exige dos brincantes muito esforço físico desde os ensaios até as apresentações em eventos.” (2013, p.55).

Os movimentos tradicionais são pouco utilizados, alguns se mantiveram, pois consta no regulamento como obrigatório, mas de uma forma alterada, porem os mais utilizados atualmente são elevação dos braços, giros, saltos, movimentações com as pernas, uma variedade de coreografias inovadoras.

Para não perder sua característica, os coordenadores dos concursos patrocinados pelo poder público, exigiram que fosse incluída no regulamento a apresentação de, no mínimo, quatro passos tradicionais. De fato, os grupos cumprem com este item, mas acrescentaram coreografias inovadoras. (ALVES, 2013, p.18)

As quadrilhas juninas, trajes, coreografias, concursos, foram alterados de forma significativa pela contemporaneidade, dando uma nova forma a todo esse contexto cultural pertencente ao município de Abaetetuba. Ao alterar a indumentária, acrescentar adereços, cenários, fez-se necessário uma nova forma de compor os movimentos para que seu contexto permanecesse cheio de significados.

5.0- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir pesquisar sobre as modificações dos trajes juninos e suas interferências no processo coreográfico, a partir de minha experiência enquanto brincante\observador no período de 2007 (o início), 2013 (último ano como brincante) e 2016 (apreciadora da quadrilha junina\público), não imaginava que seria tão complexa a investigação e análise a partir das transformações culturais.

Desde a fase inicial, onde observei as quadrilhas, foi-se revelando que nos tempos de hoje as quadrilhas não são mais as mesmas, os trajes, as coreografias, adereços, cenários, mudaram bruscamente de um cenário caipira para o estilizado, tudo massificado pelas tecnologias da contemporaneidade, que remodelaram o que se tinha como cultura, de uma tradição caipira.

No início questioneei-me muito sobre a necessidade de uma alteração que poderíamos preservar, porém após fui compreender que tudo está em constante transformação e faz parte da natureza humana buscar o novo, onde a cultura é mutável e faz parte de um sistema complexo de alterações.

Noto que, estas transformações abrangem todos os aspectos da natureza humana, exemplificando a quadrilha, que hoje já não é apenas uma quadrilha simples como antigamente, que era dançava como uma comemoração, atualmente o significado desta cultura é a demonstração de um grandioso e competitivo espetáculo, que é o que atrai o público, apreciar um espetáculo com inovações da modernidade.

Após estudo realizado, concluo os elementos que influenciaram nas transformações culturais dos trajes juninos consonância a coreografia.

Em primeiro lugar: a influencia do modelo de festas do carnaval, onde as quadrilhas inseriram em sua dança outro modelo de vestimenta, grandes cenários com muito luxo e diversificados adereços;

Em segundo: a temática, que tem compromisso com a coreografia, com a vestimenta, com as musicas dançadas. Normalmente são temas modernizados, não mais apenas temas regionais;

Em terceiro: a era contemporânea que modificou os fatores acima, e tende a se transformar cada vez mais ressignificando a cultura que é instável.

Por fim, este trabalho me possibilitou compreender essa cultura popular que é a quadrilha junina, de uma forma diferente do que eu imaginava, abrindo minha mente para novas ideias, onde passei a entender que as transformações são necessárias, pois tudo tende a se alterar com o passar do tempo e a cultura não está isenta disto. Portanto o figurino reflete uma montante estética de um período, transportando em

forma de elemento visual, para compor determinada cena, sendo ela em dança, em teatro, cinema. Através da imagem procura transmitir o sentimento que a arte possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Tereza Kátia. **As Quadrilhas Juninas e Suas Transformações Culturais nos Festivais Folclóricos em Boa Vista-Roraima** (2001-2011). 2013. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BERNARDO, Ana Cláudia. **As quadrilhas juninas como elemento cultural do Brasil**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia-as-quadrilas-juninas-como-elemento-cultural-brasil.htm>> Acesso em: 22 de janeiro de 2017.

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BLOG DO ADEMIR ROCHA. **A quadra junina na musicalidade 6 de Abaetetuba através dos anos**. Disponível em: <Ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2012/07/a-quadra-junina-na-musicalidade>. Acesso em 05 de fevereiro.

BONAMIGO, Irme Salate. **Violências e Contemporaneidade**. Disponível em: <<file:///C:/Users/familia/Downloads/8851-26403-1-PB.pdf>>. Acesso em: 07 de abril.

BUENO, Luiz F. **Festa junina**: origens, tradições e simbologia. Disponível em: <<http://briguebeagle.blogspot.com.br/2010/07/festa-junina-origem-tradicoes-e.html>> Acesso em fevereiro de 2017

CASTRO, Marta; COSTA, Nara. **Figurino – O Traje de Cena**. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol3_n1_Artigo.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade**. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1722/2130>> . Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

DELGADO, Anna Karenina Chaves. **O Carnaval como elemento indentitário e atrativo turístico**: Análise do Projeto de Rua em João Pessoa (PB). Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao4/2.carnaval.pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2017.

FASHION BUBBLES. **São João – trajes típicos para quadrilhas e festas juninas**. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/sao-joao-2011-trajes-tipicos-para-quadrilhas-e-festas-juninas/>> Acesso em fevereiro de 2017

GOUVEA, Alexandra. **Etnocenologia e comportamentos espetaculares**: desejo, necessidade e vontade. Disponível em: <http://portalabrace.org/vicongresso/etnocenologia/Alexandra_Gouvea_Dumas_-Etnocenologia_e_comportamentos_espetaculares.pdf>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

HISTÓRIA DA MODA. **O Século XVIII e XIX**: diretório, império e regência. Disponível em: <<http://modahistorica.blogspot.com.br/2013/05/o-seculo-xviii-e-xix-diretorio-imperio.html>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

LEAL, Eleonora Ferreira. **Contando o Tempo**: Transformação, Coreografia e Modernidade no Espetáculo da Quadrilha Junina em Belém do Pará. 2004.

Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, Salvador.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 21-30, janeiro 1996.

LINK, Paula Piva. **A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino**. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/188_trabalho.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição: Teatro do Movimento**. Brasília: LGE Editora, 2008.

NETO, Adaildo. **3º Circuito de Quadrilhas Juninas de Rio Branco será lançado hoje**. Disponível em: <<http://www.agencia.ac.gov.br/3-circuito-de-quadrilhas-juninas-de-rio-branco-ser-lanado-hoje/>> Acesso em fevereiro de 2017.

NOLETO, Rafael da Silva. **Caipira, Mulata, Simpatia e Gay: reflexões sobre gênero, raça e sexualidade nos concursos de miss das festas juninas em Belém – Pará**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/762/840>>. Acesso em: 02 de março de 2017.

OLIVEIRA, Paula Guimarães. **O figurino enquanto parte da linguagem cinematográfica: a cor como elemento sensorial e de construção narrativa em Malévola**. 2015. Monografia (Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora.

QUE CONCEITO – Seu novo conceito em dicionário. **Conceito de Coreografia**. Disponível em: <Queconceito.com.br/coreografia>. Acesso 10 de março de 2017.

RIBEIRO, Graziella. **Figurino na Amazônia: Investigações e reflexões no contexto de Belém do Pará**. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71804_Figurino_na_Amazonia_-_Investigacoes_e_Reflexoes.pdf> Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

RODRIGUES, Otacília. **O Protagonismo Juvenil na Quadrilha: Processo de Formação e de criação dos brincantes do grupo Fumaça no Rabo de Itupiranga-PA**. Marabá, 2016.

SOARES, Leonardo. **Anarriê, alavantú, balancê: matutês de festa junina é, na verdade, francês**. 23/06/2010. Disponível em: <gazetaonline.globo.com/-conteudo/2010/06/650133-narrie+alavantú+balance+matutes+de+festa+junina+na+verdade+francês.html> Acesso em: 23 de janeiro de 2017.

SOUZA, Miloslav. **Quadrilha Junina: pensar, agir, exprimir – algumas reflexões** -. Belém, 1997.

TEIXEIRA, Laís; CHAGAS, Eduardo. **Trajes Juninos em Belém: Adaptações Culturais e Processo Criativo**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0817-1.pdf>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2017.

UFG. Jovens Jornalistas. **Origem da quadrilha junina.** Disponível em: <<https://webnoticias.fic.vfg.br/n19405-origem-d-quadrilha-junina>> Acesso em 24 de janeiro de 2017.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS

Esta entrevista tem como objetivo dar subsídios para os assuntos abordados nesta pesquisa, buscando dados de pessoas que participam deste meio cultural que é a Quadrilha Junina, especificamente nos quesitos Trajes e Coreografia. Onde a entrevista foi realizada por um profissional de traje chamado Figurinista e o profissional de coreografia chamado Coreógrafo, complementando com as ideias do texto.

Entrevista 1- Figurinista

Nome: Clefson Santos Rodrigues

Pergunta: Quais os materiais usados antigamente para confecção dos trajes juninos?

Porque houve essa modificação de materiais?

Entrevistado 2 – Coreógrafo

Nome: Maria Eduarda Rodrigues

Pergunta: Como eram as coreografias das quadrilhas juninas antigamente?

Como são atualmente?